

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE COJA

LENDAS  
DO  
VALE DO ALVA

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE COJA

0028



LENDAS DO VALE

DO ALVA



CÂMARA MUNICIPAL  
- DE -  
ARSANIL

MUNICÍPIO DE ARSANIL

21772

( Todos os exemplares são numerados e carimbados a azul).

Coja, Dezembro de 2003

## LENDAS DE ENTRE O ALVA E O CEIRA

### INTRODUÇÃO – LENDAS

1. A LENDA DA SERRA DO AÇOR
2. A LENDA DAS ANDORINHAS
3. A LENDA DE ARGANIL
4. A LENDA DAS ORELHAS DE BURRO
5. A LENDA DA CAPELA DO SENHOR DO SEPULCR (COJA)
6. A LENDA DO CASTANHEIRO E O MENINO D LADEIRA (ARGANIL)
7. A LENDA DO NOME DE COJA
8. A LENDA DO GALO DE BARCELOS
9. A LENDA DOS JAVALIS
10. A LENDA DA LAGOA DAS SETE CIDADES (AÇORES)
11. A LENDA DAS MAIAS
12. A LENDA DE S. MARTINHO
13. A LENDA DO MILHO
14. A LENDA DE N.ª SR.ª DO MONT'ALTO (ARGANIL)
15. A LENDA DA MOURA DA SERRA
16. A LENDA DA QUINTA DA TELHADELA (COJA)
17. A LENDA DO PENEDO ROLÃO ( BENFEITA )
18. A LENDA DA PONTE DE MEDA DE RÃS (PINHEIRO D COJA)
19. A LENDA DAS LÁGRIMAS DE S. FRANCISC (TEIXEIRA)
20. A LENDA DA SERRA DA ESTRELA
21. A LENDA DA BOCA DA SOLHA
22. A LENDA DOS TRÊS RIOS (MONDEGO/ZÊZERE/ALVA)
23. A LENDA DOS TRÊS RIOS (TEJO/DOURO/GUADIANA)
24. A LENDA DOS 7/8 DE FOLQUES

## LENDAS

Cada terra tem as suas lendas.

O vocábulo “lenda” deriva do gerúndio latino *legenda* do verbo “legere”: *le(ge)nda(m) –lenda*.

“Legenda” significa as coisas que devem ser lidas.

Na Idade Média, *legenda* era o que devia ser lido acerca de um santo mártir ou confessor. Hoje, segundo os dicionários, uma legenda é a inscrição colocada nas moedas e medalhas ou as palavras que acompanham um desenho, uma carta cartográfica, um mapa, etc. para melhor se ler e compreender.

Houve, portanto, uma evolução semântica de “legenda” para “lenda”, ou seja, do sentido originário para o actual. Originariamente à “legenda”, isto é, àquilo que se devia ler ou dizer relativo aos santos e à sua história biográfica real acrescentava-se ou subtraía-se, por vezes, alguns acontecimentos. Seria algo de imaginário e de fantasioso, muitas vezes com predomínio deste último.

Esta modificação do real processava-se imaginando situações fabulosas que tomavam várias formas: adição de factos inventados; subtracção da realidade histórica; simplificação dos acontecimentos biográficos; transposição de acontecimentos realizados de uma pessoa para outra; invenção de factos e histórias. Na realidade a “legenda” medieval usufruía de grande liberdade quanto a pessoas, lugares e factos.(1)

A lenda tem características próprias: tem um fundo histórico e por isso diverge do mito; tem como protagonista o ser humano e por isso diverge da fábula; tem algo de real e por isso diverge do conto fantástico.

Por um lado, a lenda, no seu maravilhoso, contém, encarna e simboliza toda uma mentalidade ou um conjunto de ideias de um grupo étnico, de um povoado, de uma igreja, etc..

Por outro lado questionam-se determinados objectivos como, nomeadamente, saber a origem das coisas (isto é, como é que aquilo apareceu) ou a sua finalidade (isto é, para é que aquilo serve).

A lenda é de ontem, é de hoje e é de amanhã. Pode surgir em qualquer época porque nasce do homem enquanto tem em si uma actividade ao mesmo tempo mitológica e poética. Há, naturalmente, circunstâncias que favorecem o aparecimento das lendas como sejam determinados condicionalismos culturais e sociais e certas mentalidades que tornam a criatividade mais fértil e a sua divulgação e implantação mais fácil.

Mas não há dúvida que foi a Idade Média, depois de Homero, que teve o mérito da criação lendária sobretudo à volta da vida dos santos. Todavia para além das lendas agiográficas conhecem-se muitas lendas de cariz épico e popular. É destas últimas e das agiográficas que fizemos recolha.

(1)- Ver José Matoso, Santos Portugueses de origem desconhecida, in “Actas do Colóquio Internacional – Piedade Popular”, CHC/HI, Lisboa, 1999

A. DINIS

## 1 - A LENDA DA SERRA DO AÇOR

Antigamente à Serra da Estrela chamava-se Serra do Hermínio (Montes Hermínios). Era a serra mais alta e poderosa. Aí vivia o rei Hermínio, bravo guerreiro, mas com bom coração. No alto, virado a nascente, o seu sumptuoso palácio branco brilhava mesmo em noites escuras. Habitado às neves e tempestades lutava contra lobos, ursos e javalis.

Nos tempos da ocupação romana, fora ele que defendera toda aquela vasta área montanhosa que tornara como seu império. Devia-o sobretudo à sua espada encantada e invencível, Durindana. Era uma espada que tinha a virtude de castigar os inimigos e criminosos e de defender os pobres e os justos. Todos os guerreiros desse tempo a invejavam e desejavam possuir.

Não muito longe, mas noutra serra, habitava outro rei também ele importante e poderoso, o rei Assor. O seu palácio era uma larga e comprida gruta de que ainda hoje se vêem as ruínas. Ao contrário de Hermínio, Assor era um rei cruel, mau e de ferozes instintos. Enquanto que Hermínio se fazia respeitar e amar pelos súbditos, Assor era odiado e mal querido pelo povo.

Ora diz a lenda que... um dia Assor convidara Hermínio e os seus altos dignatários para um banquete no seu palácio com a intenção de o traír.

Vestira-se Assor à semelhança do outro rei com roupas iguais e cabeleira semelhante. Logo que Hermínio saíra do seu palácio da Estrela acompanhado pelo seu luzidio séquito, Assor que se mantivera escondido por ali perto, entrou no palácio alheio, disfarçado, dizendo aos guardas que ia buscar a sua Durindana. E assim com ela em seu poder corre alegre para chegar a tempo de guardar a espada e receber o ilustre convidado já traído.

Quando ia a entrar no seu palácio pôs os olhos num pássaro escuro que esvoaçava sobre a porta da entrada cantando agreste:

### I

Mostras ter sinceridade,  
Ó pobre rei desta serra,  
Foste roubar a espada,  
Com ela morres na guerra.

### II

Vai-te, ó rei, vai-te, ó Espada  
Que a mim não vencerás  
Já aí vem o rei Hermínio,  
Às minhas mãos morrerás.

### III

Desde que os meus olhos te viram  
Perdeste tudo o que tens  
Nunca mais serás senhor  
Nem da serra, nem de alguém.

### IV

Foste rico e trajas bem,  
Tudo isso te perdeu.  
Acabaste de ser rei.  
O novo rei serei eu. (1)

Furioso, Assor puxa da Durindana para matar o pássaro escuro que voa e se transforma numa grande ave de bico adunco e garras finíssimas que, atacando, mata o rei.

Quando Hermínio chega com o seu séquito para o banquete e vê Assor morto, vestido com roupas iguais às suas, de cabeleira à sua maneira, ainda a jorrar sangue e com a sua espada na mão, fica atónito. A enorme ave, o açor, contente esvoaça à sua volta. Ao saber o que se tinha passado, Hermínio entrega-lhe o governo daquela serra, com o cuidado de vigiar, das alturas, quem entra e quem sai. À serra, desde então, começou-se a chamar Serra do Açor.

(1) Esta lenda foi colhida no Pisão. As quadras, dado que já não eram totalmente recordadas, são uma adaptação.

## 2 - A LENDA DAS ANDORINHAS

Conta a lenda que... num campo de Nazaré, cheio da luz do sol, o Menino Jesus brincava com as suas mãos pequeninas e, amassando barro, com ele fazia passarinhos de asas abertas que, alegremente, colocava no chão.

Porém, um homem de maus instintos, passou junto d' Ele e tentou esmagá-los com os pés.

Jesus então, muito aflito, bateu as mãos e os seus passarinhos de barro voaram para muito longe.

Assim nasceram andorinhas que, com a beleza das suas asas cinzentas, vieram poisar sobre o beiral da casa, onde vivia Jesus. E mais narra a lenda que do barro de que foram feitas, construíram com amor, o seu primeiro ninho.

Conta ainda a lenda que, quando Cristo foi crucificado, as andorinhas o rodearam e, com os seus bicos rosados, lhe tiraram a coroa de espinhos que tanto o magoavam.

Perante tamanha dor, as suas asas cobriram-se de luto, que nunca mais perderam.

*(Lenda que é recordada nos princípios da Primavera quando chegam as andorinhas. Não é oriunda desta zona).*

## 3 - LENDA DE ARGANIL

Conta uma curiosa lenda que, numa certa e linda noite de luar, um barco corria pelo Mondego abaixo, vogando, flutuando ao acaso, indo, por fim, por fim prende-se entre uns verdejantes salgueiros, cujas raízes iam beber ao Alva. Da lua, nesse momento, derramou-se um luar mais claro, mais transparente, que deixou a água do rio como se fosse um tapete de prata...

Logo em seguida, surgiu do barco uma jovem mulher de deslumbrante beleza, olhos faiscantes como estrelas, cabelos negros, soltos ao vento, e envolvida num maravilhoso manto de rendas que, à luz da lua, tomou a transparência da espuma do mar... Sentando-se na relva, começou a desfolhar boninas, atirando as pétalas ao rio, rindo e cantando... De súbito, as águas de Alva separaram-se, saindo delas um esbelto jovem, tocando numa cítara uma música doce dolente, como o murmúrio das águas...

A jovem suspendeu o canto, escutando enlevada!... O seu meigo olhar, obedecendo, de certo, a uma magia, foi prender-se ao do mancebo e, assim, nasceu um idílio de amor!...Ele era o rei dos mares, Neptuno, escondendo a sua realeza sob o simples nome de Nil e, ela, Arga, a princesa moura, presa pelo encanto, nas águas do rio Mondego, que só a libertava nas noites de luar.

Nil e Arga trocaram os corações, amando-se ternamente. Naquelas lindas margens do Alva, onde brotou o seu amor, quiseram ali mesmo edificar um ninho, um lar. Mas Nil terrivelmente cioso da sua Arga, fê-lo, logo, cercar de enormes montanhas, isolando-o. Num arrombo de estonteante carinho, ligando o nome da sua amada ao seu, formou um só nome, que nele gravou: Arganil.

Ainda hoje, quem passar a três quilómetros de distância desta hospitaleira vila, escondida entre as serras, encontra bem conservada a capelinha moura, onde a lenda diz que nas noites de luar a princesa deixando o seu encanto, ia pedir com todo o seu fervor a Allah a constância eterna do amor de Arga e Nil. A

brisa ligava os sons e levava-os aos rouxinóis que nos seus maravilhosos trinados, repetiam docemente; - Arganil...

*Corre o Alva, mansamente,  
Dia e noite sem parar,  
E, aos salgueiros, docemente,  
Beija-os, rápido, ao passar...*

*E a água do rio então  
Pelos prados a seguir,  
De Nil a doce canção  
Canta-a na fonte a cair...*

*Um Rouxinol quis cantar,  
A lenda deste noivado  
E a branca luz do luar,  
Fê-la ouvir seu trinado!...*

*Nota: Lenda recolhida por Maria Júlia de Sá Nogueira*

#### **4 - LENDA DAS ORELHAS DE BURRO**

Quando Deus criou os animais, deu nome a todos. Daí a dias, veio verificar se eles se lembravam dos seus nomes. Todos se lembravam, menos o burro.

Deus, então, puxou-lhe as orelhas e disse-lhe:

- Burro, burro! Sempre hás-de ser burro!

*(Dos livros)*

## 5 - A LENDA DA CAPELA DO SENHOR DO SEPULCRO

Contou-me um dia a minha avó que o frade Crúzio, em grande meditação sobre a morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, viu ao lado pairando sobre uma rocha, a imagem de Jesus Morto. Assustado correu ao Paço do Bispo, onde havia mais companheiros, a contar-lhes o que havia acontecido.

Logo que a nova da aparição foi conhecida dos frades e dos criados, começaram a contá-la ao povo. O povo começou a correr ao local, a pedir graças para a sua vida, graças essas que quase sempre lhe eram concedidas.

A partir daí, passou a haver uma grande devoção ao Senhor Morto.

Conta-se porém, que era tão grande e tão antiga a devoção e piedade do povo, que o Bispo D. Manuel de Mello, que se recolhia em Coja, onde vinha passar longas temporadas no seu Paço Episcopal sendo também grande devoto desta tradição, mandou edificar esta Capela à beira rio.

Porém as cheias do rio, começaram a entrar na capela, e o povo mandou que ela fosse elevada para o mais alto, no século passado, a fim de as águas do rio não entrarem na capela. A grande festa e veneração a esta imagem, fazia-se até meados do século passado, nos dias seis, sete e oito de Setembro segundo nos conta Baltazar da Silva no seu documento "Memórias de Coja e seus arredores" existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ainda hoje o povo tem uma grande devoção ao Senhor Morto, cuja imagem se venera nesta capela. Em Sexta-Feira Santa faz-se uma grande procissão, que saindo da Igreja Matriz, se dirige com esta imagem a esta capela onde fica em veneração los fiéis durante todo o ano e que é sem dúvida a maior manifestação de fé do povo de Coja.

*(Recolha feita junto de Etelvina Ramiro)*

## 6 - LENDA DO CASTANHEIRO E O MENINO DA LADEIRA

Em Arganil, no Monte Alto, mesmo no cimo do monte, "esbranqueija" por entre granitos amarelcidos pelos anos, a conhecida ermida que alberga a veneranda imagem de Nossa Senhora do Monte Alto.

Mais abaixo, virada a sol poente, levanta-se uma espaçosa capela votada ao Menino Jesus da Ladeira. Tem o Menino esta designação pelo facto da referida capela se situar num pequeno e arborizado planalto rasgado na encosta ou ladeira do dito Monte Alto.

É nesta concorrida capela da Ladeira que está o Menino, vestido de Napoleão, muito bonito, de faces rosadas, de laço branco a apertar uma camisa de folhos brancos, coberta pela cor negra da farda napoleónica.

Circulando o Monte, uma densa floresta em que abundam seculares castanheiros, torna paradisíaco o local onde a Mãe de Deus e o seu Filho Jesus têm lugares para as suas imagens.

Ora diz a lenda que...

Um dia, em dia de festa, uma velhinha entrou na capela quando o sol já se despedia dos últimos romeiros. Ao ver o Menino tão lindo e engraçadinho, pensou lá consigo em levá-lo para sua casa.

Mas roubá-lo... A consciência falava-lhe ao coração. Ajoelhou em frente da imagem e rezou. O que iria fazer?

Bem! Ficaria com o Menino à Napoleão, com o seu ouro, com o seu lacinho branco...

Não vendo ninguém na capela, levantou-se lentamente, aproximou-se do altar como quem vai cumprir uma promessa, olhou para o Menino tão azadinho e de laço branco, e zás!

Pegou nele e com todo o cuidado meteu-o debaixo do xaile que trazia pelas costas e saiu pressurosa. Caminhava alegre

e aflita. Levava ali a sua riqueza e a sua esperança. Se alguém soubesse... que desgraça!

Mas no dia seguinte já a romaria teria acabado!... Ninguém daria por nada. Pelo sim e pelo não pensou em esconder a imagem na toca dum castanheiro que ficava ao lado do caminho. Ali ninguém O acharia e se O achassem!...

Passaram-se dias. Ela bem procurava o castanheiro, a toca e o Menino. Mas nada. Perdeu-lhe o sítio.

Passou o Verão. As árvores começaram a ficar despidas. Os castanheiros, depois de oferecerem os últimos frutos, deixavam cair tristes, as folhas. Era Inverno.

Caso curioso: mesmo no pino do Inverno aquele castanheiro mantinha todas as folhas. E mais curioso ainda: as folhas eram todas amarelas, cor de oiro.

O caso da imagem roubada tornou-se conhecido. Toda a gente das redondezas comentava o furto.

Até que um dia, um pastor que por ali guardava o seu rebanho, por mero acaso, parou perto do castanheiro de folhas de oiro. E reparou: oh! Lá dentro, sentadinho, estava o Menino, muito bonitinho, de lacinho branco, vestido à Napoleão.

Foi uma alegria. O Menino da Ladeira aparecera. O povo das redondezas fez uma grande procissão para trazer o Menino da toca do castanheiro para a Ladeira. E toda a gente agradeceu à árvore a toca que lhe serviu de casa.

O castanheiro nunca mais deixou cair as suas folhas amarelas, no Inverno e, quando velho, não deixou de ter as suas tocas abertas para abrigo, mas de costas viradas para o caminho.

Foi a gratidão do Menino para o seu benfeitor.

É que hoje o castanheiro é a última árvore a deixar cair as folhas amarelas.

*(Esta lenda foi recolhida no Pisão de Coja, da Senhora Maria Resgate, por António Dinis, em Outubro de 1990)*

## 7 - A LENDA DO NOME DE COJA

Contava o povo que, antigamente, durante a ocupação árabe da Península Ibérica, havia na nossa terra um mouro muito rico que se chamava “Côja”.

Era um grande senhor que habitava um castelo e tinha muitos escravos. Fazia-os trabalhar na agricultura, donde tirava grandes searas de trigo e centeio; outros pastoreavam grandes rebanhos e outros ainda exploravam ouro existente nas nossas terras.

Este grande senhor tinha uma frota de barcos, que rio abaixo rio acima, comercializava todas estas riquezas fazendo dele um homem tão rico, que o comparavam ao rei Midas muito conhecido da antiga mitologia.

Quando os cristãos fizeram a Reconquista, este grande senhor foi obrigado a abandonar o castelo e as suas terras, levando consigo os seus escravos e as suas riquezas. Ao deixarem as suas terras choravam e diziam assim:

*Adeus Quinta de Telhadela,  
Que muito ouro fica nela;  
Adeus Fonte da Bica,  
Que muita mais por lá fica.*

Foi sempre crença entre o povo, que o castelo deste senhor se situava no alto dos castelos, nome ainda hoje dado à localidade existente entre o Vale do Carro e Coja. Junto ao Vale do Carro há uma quinta que se chama Meda. Entre esta quinta e o alto dos castelos há o Vale do Gavião onde existe uma nascente que dizem ser a Fonte da Bica. E este vale tem o nome de Gavião por ser parecido com o falcão com que este senhor caçava.

Na Quinta da Telhadela, num local chamado Roseira, por nele existir uma centenária cameleira que todos os anos na

Primavera se enche de camélias vermelhas, existe também a boca de uma velha mina abandonada. Em frente desta mina escavada na rocha, encontra-se uma forma de caldeirão onde, segundo a lenda, se sentava o grande senhor vigiando os seus trabalhadores.

A meio destes dois locais, passa o rio Alva por onde, segundo a lenda, se fazia o comércio destas riquezas.

E fôï assim:

É em memória deste grande senhor que estas terras para sempre se chamarão "COJA"

*Recolha feita por Dário Bento Castanheira / 1990*

## 8 - LENDA DO GALO DE BARCELOS

Há muitos anos, uma família de peregrinos que passou por Portugal hospedou-se numa estalagem minhota e, como levava um grande farnel e fazia pouca despesa, o hospedeiro, que era muito ganancioso, entregou os honrados peregrinos à polícia, culpando-os de o terem roubado.

O pobre chefe de família, sem ninguém que o defendesse, pois era desconhecido naqueles sítios, foi condenado à morte.

No seu desespero, foi ao farnel, tirou um frango assado e disse:

- É tão certo eu estar culpado, como este galo cantar.

E curioso é que, o galo cantou mesmo! O homem estava inocente!

Hoje, o galo de Barcelos, de barro colorido, é conhecido até no estrangeiro e lembrará para sempre esta lenda.

Para além da tradição oral, está também a perpetuá-la a estátua de Nossa Senhora do Galo, dentro de um nicho que se encontra no cimo de uma linda colina, mesmo a sair de Barcelinhos.

*(Dos livros)*

## 9 - A LENDA DOS JAVALIS

Conta a lenda... que Jesus e S. Pedro, na sua peregrinação pelo Mundo, encontraram um dia quatro porquinhos pequenos que andavam perdidos.

Então Jesus aconselhou S. Pedro a entregá-los a alguém que os criasse a meias (como era uso). Assim fez S. Pedro, que os deixou entregues a uma mulher, depois de ter ajustado com ela que voltaria a buscar dois deles, quando estivessem grandes.

Mas, na ano seguinte, quando S. Pedro foi ter com a mulher, esta tentou enganá-lo:

- Aqui estão os porcos. Os outros dois morreram... leva portanto um destes.

Mais conta a lenda que Jesus não gostou daquela acção e sentenciou:

- Os outros que estão guardados, por essas terras irão e em feras se transformarão!

Assim Deus quis e hoje há porcos e javalis...

*(Esta lenda é recordada muitas vezes, devido à grande quantidade de javalis existentes nesta região e aos enormes prejuízos causados aos agricultores).*

## 10 - LENDA DA LAGOA DAS SETE CIDADES

Era uma vez um pastor que, enquanto apascentava os seus rebanhos, se entretinha a ler... nas estrelas e a decifrar a voz do vento, das aves, das coisas...

Raras vezes descia ao povoado e até se desabituara de falar, como todas as pessoas que vivem solitárias.

Certa tarde, a filha do rei que governava as sete cidades, passou por ali com os seus lindos olhos azuis e, tão modesta ia no trajar, que nem o pastor suspeitou da sua nobreza, tomado de espanto perante tal formosura.

Conversaram os dois, mais com os olhos do que por palavras...

A princesa voltou noutra tarde, noutra e em muitas mais!

Alguém avisou o rei dos passeios de sua filha por tão desusadas paragens.

Temerosa das ameaças paternas, deixa a princesa de procurar a companhia do pastor.

Este começou a chorar a sua desdita, esperando em vão a cada momento, a ventura de tornar a ver tão encantadora princesa. A pouco e pouco, as suas lágrimas foram escavando o chão e delas nasceu aquela lagoa que é verde, cor de esperança.

Informada da morte do pastor, a princesa deu largas à sua saudade e tanto chorou, que ali deixou a primeira água azul desse lago, da cor dos lindos olhos que a derramaram.

*(Dos livros)*

## 11 -LENDA DAS MAIAS

Andavam os Judeus à procura de Jesus para o matarem, quando um dia, à noite, o viram recolher numa humilde casa. Então para poderem na manhã seguinte prender Jesus penduraram um ramo de giestas no fecho da porta, a fim de não terem dificuldade em conhecer a casa em que ele dormia.

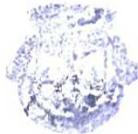
Mas, por milagre, ao amanhecer todas as portas estavam enfeitadas por giesta.

E assim os Judeus desorientados, não puderam descobrir Jesus.

Assim hoje há o costume de, no 1º de Maio, se enfeitarem as casas com giestas.

Há também quem dê o nome de maias por florirem em Maio.

*(Esta lenda é recordada nos primeiros dias do mês de Maio)*



CÂMARA MUNICIPAL

- 80 -

ARGANIL

BIBLIOTECA MUNICIPAL

## 12 - LENDA DE S. MARTINHO

Num dia de tempestade, ia S. Martinho, valoroso soldado, montado no seu cavalo, quando viu um mendigo quase nu, tremendo de frio e que lhe estendia a mão.

S. Martinho não hesitou: parou o cavalo e pousou a sua mão carinhosamente na do pobre. Em seguida, com a espada cortou ao meio a sua capa militar, dando metade ao mendigo.

Apesar de mal agasalhado e a chover torrencialmente, o cavaleiro continuou o seu caminho, cheio de felicidade.

Mas, subitamente a tempestade desfez-se. O céu ficou límpido e o sol de estio inundou a terra de luz e calor.

Para que não se apague da memória dos homens este acto de bondade, praticada pelo cavaleiro, diz-se que, nessa mesma época, cessa por alguns dias o tempo frio. O céu fica azul e o sol reaparece quente e brilhante.

É o Verão de S. Martinho.

### 13 - A LENDA DO MILHO

Conta a lenda... que um dia o Senhor disse ao Apóstolo S. Pedro:

- Vamos ter um ano mau. Coitado de quem deitar alguma coisa à terra!

S. Pedro, ouvindo aquilo, foi logo contá-lo ao seu compadre.

Por tal motivo o compadre não semeou nada naquele ano e quando chegou a altura das colheitas, os outros lavradores sempre recolheram alguma coisa.

Então o homem foi ter com o S. Pedro, lamentando a sua desgraça.

- Para que é que o compadre me disse tal coisa?

Por sua vez S. Pedro foi falar com o Senhor:

- Ai meu Divino Mestre, o pobre do meu compadre não colheu nada este ano.

- Para que lhe foste dizer que não colhia nada? Eu disse que não se colhia nada em proporção aos outros anos. Mas vai dizer ao teu compadre que vá à ribeira e joeire a areia que lhe pareça suficiente para os gastos da casa.

E o compadre assim fez: joeirou de areia os moios que entendeu vir a gastar de pão durante o ano!

Depois o Senhor deitou a sua benção e a areia transformou-se. Certo é que o só se dá em terras frescas e areentas e a farinha é sempre "areíscas".

### 14 - LENDA DE NOSSA SENHOR DO MONT'ALTO

Conta o P.e António Maria Rodrigues(\*) que a festividade de Nossa Senhora de Mont'Alto era em 8 de Setembro "dia do seu nascimento" e que as promessas eram cumpridas "nos 9 dias antecedentes à novena". E acrescenta, "no mesmo dia se faz uma feira no terreiro dos Paços do Bispo, e é a melhor que há por aquelas partes. Nesta ocasião é muito grande o concurso de gente que vai venerar aquela grande Senhora no seu Santuário do Mont'Alto".

A imagem apareceu no monte, "antigamente", em data não averiguada, e ninguém sabe de onde veio. Por ser difícil a construção de uma "casa" no local, começaram a fazê-la mais abaixo. Porém, a imagem desapareceu e foi reencontrada no primeiro lugar, pelo que resolveram edificá-la ali: e logo ocorreram "muitos milagres, e as maravilhas da Senhora, e a concorrer muita gente, a qual com as suas esmolas ajudaram muito a obra, que se fizesse mais dilatada, e mais perfeita".

Continuando, explica o P.e António Maria Rodrigues: "Porque se lhe fez uma capela-mor e dois altares colaterais, e se puseram também na capela-mor uma grade de ferro, para melhor resguardo e veneração da Senhora".

"Sobre a porta principal da igreja da Senhora se vê uma pedra com uma inscrição, em que se declara o tempo, em que se fez, a qual é desta maneira: Esta igreja mandou fazer Francisco Pires, filho de Domingos Pires, natural desta vila, por seu irmão João de Coimbra, no ano de 1521".

(\*) *Da revista cultural Arganília, nº 5/1995, reproduzindo os 12 artigos publicados na Comarca de Arganil, em 1905.*

## 15 - LENDA DA MOURA DA SERRA

Conta a lenda tão velhinha  
Que à Peneda Malhada  
Certo rapaz, à tardinha  
Do Rio alva à beirinha,  
Sorte de amores se lamentava.

Absorto então viu,  
Depois dum choro, um cantar.  
Procurou e ninguém viu.  
Mas a água reflectiu  
Rosto lindo de encantar.

Coração de nevociro  
Por ela se apaixonou.  
Mas este amor verdadeiro,  
Que foi decerto o primeiro,  
Nunca mais ali voltou.

Um velho, rugas na cara,  
Sem ter idade nem terra,  
Contou-lhe que encontrara  
A fugir por ali passara  
A Moura p'ra sua serra

*(Colhida e posta em verso pelo dr. Eduardo Gonçalves em 1996)*

*Nota: A Peneda Malhada é uma grande pedra, solitária, que se levanta junto da povoação de Machorro, à direita da estrada que vai de Coja para Arganil. Dado que a face superior apresenta uma cavidade em forma de cabeça humana, diz a*

*lenda que foi a moira que a trouxe, à cabeça, da sua terra para ali quando se vinha banhar ao Rio Alva. Ao ser descoberta, fugiu para a sua terra na serra. Daí a origem da povoação de Moura da Serra (freguesia do concelho de Arganil).*

## 16 - LENDA DA QUINTA DA TELHADELA

A Norte de Coja, passado o rio Alva, estendida por uma longa encosta, uma Quinta farta e soalheira era o arcaz e a adega de Coja, ainda não há muitos anos.

A água corria abundantemente para satisfazer as necessidades agrícolas. Ainda hoje é um local privilegiado. Dela falam os documentos primeiros da história de Coja e do Mosteiro do Lorvão. Chama-se Quinta da Telhadela.

Diz a lenda que...

No tempo dos moiros a Telhadela, no local onde se ergue o cruzeiro, fora uma linda povoação onde a riqueza e o bem estar existiam. Por ali as belas princesas de cabelos dourados bordavam, com fio de ouro, os mantos que punham sobre os ombros dos seus maridos.

Quando foram expulsos deixaram enterradas nas cercanias, com intenção de um dia tornarem de volta, grandes panelas de ferro cheias de ouro.

Diz-se que deixaram escrita numa enorme pedra a legenda que ainda hoje é repetida pelo povo:

Adeus Quinta da Telhadela  
Muito ouro fica nela  
E se forem à Fonte da Bica (1)  
Muito mais ouro lá fica.

Debaixo deste enorme penedo habitava uma corpulenta serpente que guardava um fabuloso tesouro. Bem cobiçavam o tesouro as agentes das redondezas, mas o medo e a impotência era maior. Todos diziam:

Quem esta pedra virar  
Grande fortuna há-de encontrar.

Até que um dia, num dia de Inverno, a serpente saiu do esconderijo e foi aquecer-se, na outra encosta, ao sol.

Os homens espreitaram-na e vendo-a longe agarraram o penedo, viraram-no e levaram o tesouro.

Ainda hoje se diz que algumas riquezas existentes em Coja vieram do ouro moiro roubado à serpente.

*(1) ao fundo das Bogalhas*

*Há quem diga que esta fonte fica situada no Vale do Gavião, junto ao Vale do Carro*

*(Recolha feita por António Dinis)*

## 17 - A LENDA DO PENEDO DO ROLÃO (Benfeita)

À saída da Benfeita para quem vai para as Luadas, logo a seguir ao cemitério, levanta-se um enorme e famoso bloco de xisto que se alonga pelo vale adentro. Assemelha-se a um vigia do portão de grande quartel: é o Penedo do Rolão.

É a partir dali, que larga garganta prende nas suas paredes altaneiras o casario branco e os fartos olivedos. É a partir dali que se começa a avistar a povoação da Benfeita.

Ora diz a lenda que uma jovem e linda moira encantada vivia numa gruta aberta no sopé do Penedo do Rolão e que perpetuamente, dia e noite, guardava os seus fabulosos tesouros escondidos debaixo desse enorme Penedo. Dá-los-ia a bela moira a quem reunisse três condições: sonhar três vezes seguidas com o tesouro, não contar a ninguém o seu sonho e ir sozinho, à meia-noite, cavar no sítio que o sonho lhe tenha revelado até encontrar o tesouro. Ficaria assim facilmente rico.

Diz-se que muitos homens e mulheres, desde os tempos mais antigos até hoje, por lá andaram, à meia-noite, a escavar depois de sonharem três vezes seguidas com o dito, mas nunca o puderam encontrar porque não conseguiram guardar o segredo.

*Uma parte do Penedo foi há anos cortado, quando abriram a estrada para as Luadas. Mas apesar disso, lá continua soberbo e altivo a esconder a moira e sua riqueza e à espera de alguém sonhador, calado e destemido que se atreva a desvendar o local certo do misterioso tesouro.*

*(Colhido na Benfeita por António Dinis em 1999).*

## 18 - A LENDA DA PONTE DE MEDA DE RÃS

Muitos anos antes dos lusitanos, nas terras da vasta região que vai de Coja a Pinheiro de Coja, vivia uma formosíssima donzela muito rica e prendada.

Um dia, numa manhã de nevoeiro, o pai montara no seu cavalo e desapareceu. Ninguém sabia dele. A menina chorava, chorava com saudades. A mãe, amargurada pelo desaparecimento do marido, vendo a sua filha chorosa e triste, pretendendo consolá-la, prometeu-a em casamento a quem lhe trouxesse alvíssaras do pai.

Partiram e chegavam de toda a parte rapazes pretendentes da mão da donzela, mas nenhum trazia novas do cavaleiro. Até que um dia, chega um rapaz novo montado num cavalo bem ajaezado. Trazia grandes novidades e notícias sobre o pai da formosíssima donzela. E contou, contou tantas e tantas coisa tão fantasiosas que ninguém acreditava no que dizia.

Foi então que ele jurou: “Se não for verdade o que estou a dizer que eu caia da ponte da ribeira quando a for atravessar”.  
(1)

Diz a lenda que o jovem cavaleiro ao atravessar a ponte, caiu dela abaixo. É que, continua a lenda, eram tantas as rãs sobre ela, ao sol, que nelas escorregou o cavalo.

É verdade que, desde aí até hoje, quem tiver dito uma mentira e passar a ponte nesse dia, cairá para a ribeira.

*Nota 1: A Ponte de Meda de Rãs fica(va) a Oeste de Pinheiro de Coja na estrada que liga Coja à estrada da Beira.*

*Nota 2: O vocábulo Meda tanto pode significar “montão em forma de cone” como “marco baliza”.*

## 19 - A LENDA DAS LÁGRIMAS DE S. FRANCISCO E AS QUEDAS DA SENHORA DO ROSÁRIO

A actual Igreja Paroquial da Teixeira é relativamente nova. Construiu-se no local onde então existia uma capela votada a S. Francisco, pertença do Mosteiro de S. Pedro de Folques. A antiga erguia-se onde hoje é o cemitério do fundo, isto é, no sector mais junto á ribeira.

Dizem que os antigos já diziam que após a nova igreja estar concluída fizeram uma procissão, para a inaugurar. Colocaram todas as imagens nos andores, excepto a imagem de S. Francisco por não haver andor para ele.

No fim da longa e triunfal procissão, ao entrarem de novo na igreja, todas as pessoas ficaram estupefactas ao verificarem que a imagem de S. Francisco chorava. Chorava por o deixarem sozinho e não ter ido na procissão. A partir daí apressaram-se a arranjar um andor. E nunca mais a imagem ficou na igreja em dia da procissão.

Por outro lado a imagem de Nossa Senhora do Rosário que se venerava na igreja velha, foi trazida para a nova aquando da demolição daquela. Dizem igualmente os antigos que, nas procissões, quando o cortejo passava junto ao local onde se erguia a antiga igreja, residência primitiva da imagem, sem saber como, a imagem caía sempre do andor, mesmo que bem segurâ. É que ela queria ali ficar porque era ali a sua casa, diziam.

Desde essa altura a procissão deixou de ir aquele sítio para que a imagem não caísse do seu andor.

*(Recolha feita na Teixeira, junto de Augusto Gonçalves, em 18/08/2002)*

## 20 - LENDA DA SERRA DE ESTRELA

Chegara aos ouvidos do rei que todas as noites um pastor do alto da serra conversava com uma Estrela, a mais bela de todas.

O rei mandou chamar o pastor e ordenou-lhe que lhe desse a Estrela, prometendo em troca dar-lhe muitas riquezas.

O pastor respondeu-lhe que preferia continuar pobre, a perder a sua amiga Estrela, sem a qual não podia viver.

Ao vóltar á sua cabana, no alto da serra, o pastor ouviu a sua Estrela contar-lhe o receio que tivera de ele se deixar levar pela ambição da riqueza.

O pastor afirmou-lhe a sua dedicação. E a Estrela, contente, prometeu-lhe nunca mais deixar de ser sua amiga.

Então, o velho pastor, em voz de profeta exclamou:

- De hoje em diante, esta serra há-de chamar-se Serra de Estrela.

E conta a lenda que, no alto da serra, sé vê uma estrela que brilha de uma maneira estranha e diferente, como que ainda à procura do bom pastor.

## 21 - A LENDA DA BOCA DA SOLHA

Estando Nossa Senhora à beira do rio, viu uma solha e perguntou-lhe:

- Ó solha! A maré enche ou vaza?

A solha pôs a boca ao lado e repetiu com escárnio:

- Ó solha! A maré enche ou vaza?

Nossa Senhora disse:

- Assim fiques sempre com a boca à banda.

*(Dos livros)*

## 22 - A LENDA DOS TRÊS RIOS (Mondego/Alva/Zêzere)

Mondego, Alva e Zêzere, nascidos da mesma mãe, serpeando pelas vertentes da Serra da Estrela, em sua santa irmandade, amigos e camaradas, viviam tranquilos e alegres, mirando-se cada qual na limpidez das suas águas, e escondendo-se nas gargantas, furnas e sorvedouros da gigantesca serra.

Uma tarde já quase à boca da noite, envolveram-se em azeda conversa, porque se arrogaram valentias, ao que parece; prometeram romper as prisões que os detinham, tropejaram rivalidades, e acabaram por desafiar-se para uma corrida vertiginosa, cuja meta seria o corpo enormíssimo do mar.

E apostaram entre si:

Qual dos três saberia melhor o caminho?

Qual desenvolveria maior força?

Quem seria o primeiro a oferecer as suas águas dulcíssimas às salsas águas do mar?

Era o que ia ver-se.

Mondego, astuto, forte e madrugador, levantou-se cedo, e começou a correr brandamente, para não fazer barulho e não levantar suspeitas, é de crer, desde as vizinhanças de Guarda, nos territórios de Celorico, Gouveia, Manteigas, Canas de Senhorim, e dirigiu-se, depois de se ter robustecido com a ajuda de colegas, que viêram cumprimentá-lo à Raiva, na direcção de Coimbra, depois de ter atravessado, ofegante, as duas Beiras.

Zêzere, que também alerta, entrou a mover-se ao mesmo tempo que o Mondego, ocultando-se até certa distância na anfractuosidades do seu leito penhascoso; foi direito propriamente a Manteigas, onde perdeu de vista o colega, passou também nos terrenos da Guarda, correu para o Fundão, desnor-teou, obliquamente para Pedrógão Grande e, finalmente, depois de ter atravessado três províncias, deu consigo em Constância, Estremadura, abraçando-se ao Tejo, a quem

ofereceu as águas, já cansado de caminhar umas 40 léguas e desesperançado de alcançar o mar.

Alva, dorminhoco e poeta, embora esses atributos sejam sinónimos, entreteve-se a contemplar as estrelas, mais do que era prudente, adormeceu confiado no seu génio insofrido e nervoso; e, quando despertou, alto dia, estremunhado, em sobressalto, avistou os colegas a correr sobre distâncias a perder de vista.

Um desastre não havia que ver! Uma imprevidência, que era forçoso remediar!

Alva atirou consigo de rebolão pelos campos fora, rasgou furiosamente montanhas e rochedos; galgou despenhadeiros, bradou vingança temerosa, rugiu; e, quando julgou que estava a dois passos do triunfo, foi esbarrar com o seu principal antagonista, o Mondego, que lá ia, havia horas, campos de Coimbra fora, em cata da Figueira, onde se lançaria jubiloso no seio volumoso do Oceano, ao ganhar a porfiada contenda.

Alva esbracejou, como atleta sanhudo, atirou-se ao adversário, a ver se o lançava fora do leito, espumando raiva; mas... o outro, que deslizava sereno e forte, riu-se, e engoliu-o de um trago.

Ao lugar da contenda e foz do Alva, chamou-se propositadamente Raiva, em memória da sua atitude raivosa e do caso tremebundo.

*De Visconde de Sanches de Frias*

### **23 -- A LENDA DOS TRÊS RIOS (Tejo/Douro/Guadiana)**

Havia três irmãos: o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que quem primeiro acordasse partisse para o mar.

O Guadiana foi o primeiro que acordou, escolheu lindos sítios e partiu no seu vagar.

O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa e já as suas margens não são tão belas como as daquele. O Douro o último que acordou, por isso rompeu montes e vales, sem se importar com a escolha e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

## 24 - A LENDA DOS 7, 8 DE FOLQUES

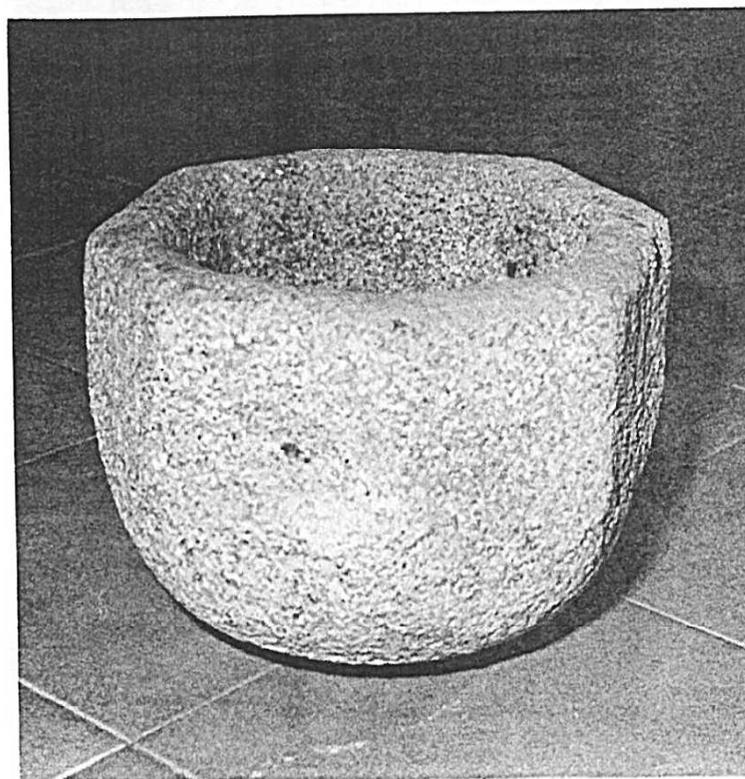
Rezam as crónicas antigas que, nos tempos em que o Mosteiro de S. Pedro era habitado pelos frades crúzios, todos os povos da Ribeira de Folques que vai do Salgueiro a Arganil viviam prósperos e unidos. Os cereais transbordavam dos celeiros, os potes ficavam rasos de azeite, não faltava a carne e o queijõ dos úberes rebanhos ou mesmo o presunto de porco na salgadeira e o vinho enchia os tonéis. As pessoas viviam alegres e felizes.

Aos Domingos após o cumprimento do preceito dominical, a refeição era farta para reparação das forças esgotadas durante a semana. À tarde os mais novos, de papo cheio, calcorreavam as redondezas, quando sabiam da existência de festas ou bailaricos. E era aí que muitas vezes, por razões mesquinhas, surgiam lutas, zaragatas e pancadarias entre os da terra e os de Folques.

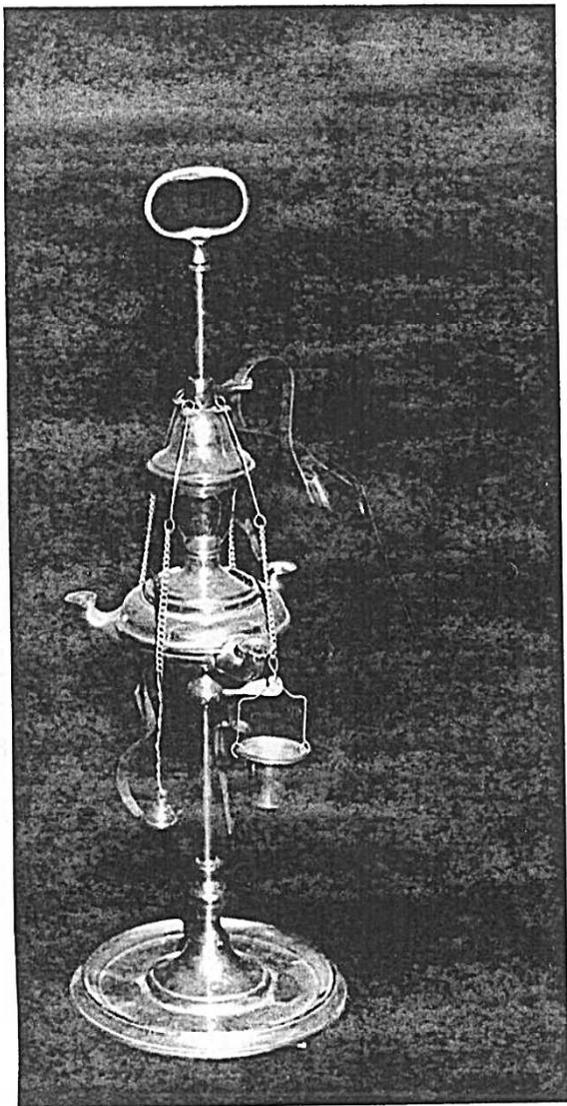
Ora diz a lenda que os rapazes de Folques, devido ao intenso e duro trabalho podiam dar-se mal entre si, mas em terra estranha, quando havia sarilhos, eram unidos. Quando alguém se metia com um deles, os da terra diziam: “Cuidado que eles são sete ou oito”.

Daí que os de Folques, ainda hoje, são conhecidos por “os sete oito”.

*O mosteiro de S. Pedro de Folques esteve ligado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (Frades Crúzios), de Coimbra. Foi deste antigo Mosteiro que resultou o aparecimento da freguesia de Folques.*



Pia oitavada ( em granito )



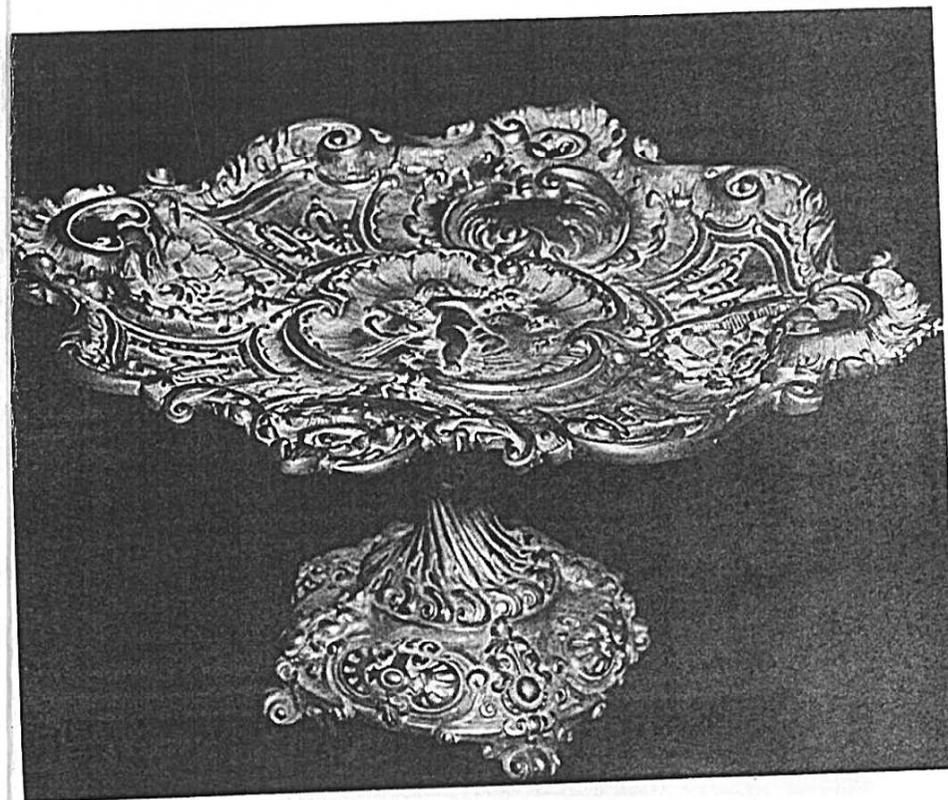
Candeia de azeite



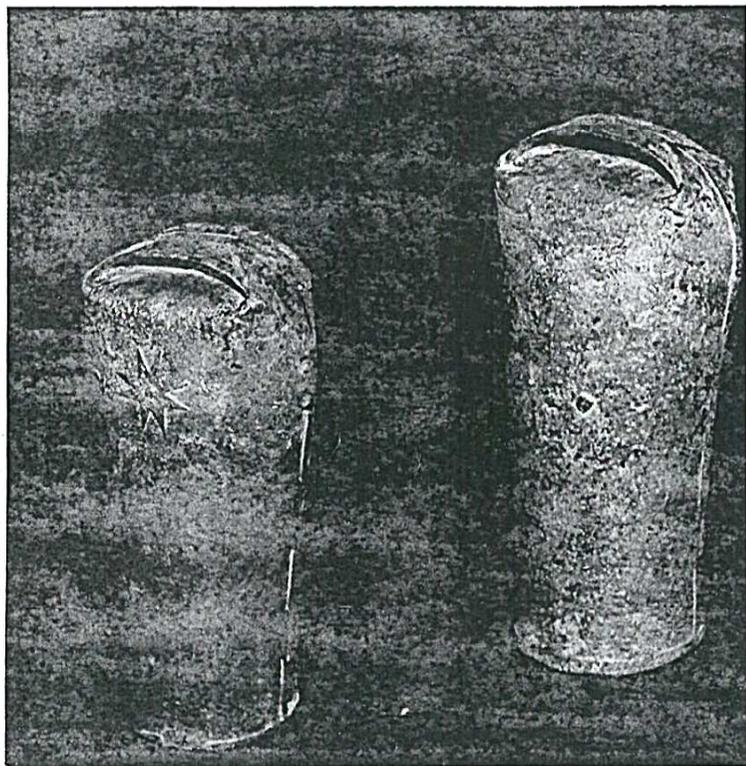
Sagrada Família ( em madeira )



Jarro com pé (em metal)



Fruteira ( metálica )



Chocalhos



CÁMARA MUNICIPAL

— III —  
ARGANIL

REGISTRO MUNICIPAL